

Filosofia panecástica de Jacotot nos periódicos brasileiros oitocentistas (1847-1848)

Suzana Lopes de Albuquerque

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALBUQUERQUE, S.L. Filosofia panecástica de Jacotot nos periódicos brasileiros oitocentistas (1847-1848). In: SILVA, E.O.C., SANTOS, I.G. and ALBUQUERQUE, S.L., orgs. *A história da educação em manuscritos, periódicos e compêndios do XIX e XX* [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, pp. 49-62. ISBN 978-85-7511-483-4. <https://doi.org/10.7476/9788575114834.0004>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

FILOSOFIA PANECÁSTICA DE JACOTOT NOS PERIÓDICOS BRASILEIROS OITOCENTISTAS (1847-1848)

Suzana Lopes de Albuquerque

Introdução

A temática em tela é um desdobramento da pesquisa sobre os métodos de ensino adotados nas escolas de primeiras letras de diferentes províncias brasileiras com circulações advindas de um contexto de internacionalização de ideias pedagógicas da modernidade. A necessidade de adotar um método de ensino no Brasil Oitocentista impôs um debate entre os métodos de ensino de leitura e escrita sintético e analítico e entre seus modos individual, mútuo e simultâneo.

Este capítulo busca compreender as matrizes da Filosofia *Panecástica* presentes no Ensino Universal do francês Joseph Jacotot (1770-1840), apropriado em solo brasileiro pelo primeiro diretor da Escola Normal de Niterói, José da Costa e Azevedo, responsável pela elaboração de um método de leitura que circulara no Brasil sob a base desse autor francês.

A tentativa de compreender o Método Universal proposto por Jacotot e de localizar fontes que demonstrem sua circulação no cenário instrucional Oitocentista brasileiro decorre da pesquisa em desenvolvimento sobre a vinda do poeta português Antonio Feliciano Castilho ao Brasil para divulgar seu método de leitura, momen-

to em que alcançara embates por defensores de Jacotot no país, entre eles, José da Costa e Azevedo e seus seguidores, como Valdetaro.

Castilho registrou, em carta para sua mulher, o desânimo com os frequentadores do seu curso no Brasil, caracterizando-os como nacionalistas que recusaram qualquer experimentação por dizerem estar utilizando um método propriamente brasileiro que, para Castilho, tratava-se de apropriação das bases do método do francês Joseph Jacotot.

Quanto ao curso, creio que não posso dizer outro tanto, foi muito frequentado, mas nada mais. Esta gente é indolentíssima e tem ainda uma qualidade pior, ou que pelo menos foi pior para o nosso caso: leva o seu patriotismo a um ponto de fúria que faz rir. Como o método é português, e eles têm aqui um chamado Costa Azevedo, que fez uma redução e estropiação de Jacotot, impresso há vinte e um anos, mas desconhecido, pode-se dizer que, por toda a gente, se aproveitaram da franqueza com que sempre convido a discutir e objectar, para virem pôr seus reparos, sob formas muito cortesias na verdade, mas completamente sofisticadas e de péssima fé. Todos os seus artigos se reduzem, em última análise a que melhor ensinar a ler por sílabas, somando-as como elementos a palavra; bestice inclassificável e imperdoável (Castilho, 1975, p. 285).

O autor afirmou em sua carta a existência, desde 1834, de um método de leitura, uma espécie de redução dos sistemas pedagógicos do francês Jacotot, feita pelo brasileiro Costa Azevedo, motivo esse de intrigas e repulsa ao método português.

Neste escrito, serão contemplados os princípios do Método Universal proposto por Jacotot e os indícios de sua circulação no Império Brasileiro, por meio das fontes pertinentes a Instrução e Ciência, a partir do estudo da vida e obra do professor brasileiro

Costa e Azevedo e de seus seguidores que militaram em defesa de Jacotot, tornando-se oposição a Castilho.

As fontes localizadas, que comprovam a circulação das ideias de Jacotot no território brasileiro, foram as cartas de Castilho e o periódico *Sciencia*. Tal material está digitalizado e disponibilizado no *site* da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, em suas 25 edições, sendo cinco que circularam no ano de 1847 e as demais, em 1848. Sua impressão foi realizada na Typographia Universal de Laemmert, no Rio de Janeiro, e tinha suas matérias assinadas pelos professores da escola de Homeopatia, como Luiz Antônio de Castro, João Vicente Martins, entre outros.

Ao trabalharmos com fontes impressas, cabe a nós, pesquisadores, adotarmos uma metodologia que possibilite analisar criticamente e de forma dialética as informações dadas, como sugere a definição de Zicman (1985, p. 100), para quem

um método não é um *vale-tudo* ou *prêt-à-porter*, e não deve funcionar como uma *camisa-de-força* para a análise. Nunca é tarde demais para insistir sobre a natureza dialética das relações método-teoria-objeto de estudo: é este vaivém constante que nos afasta dos perigos do empirismo e do formalismo (grifos nossos).

Para localizarmos a introdução da Filosofia Panecástica de Jacotot no solo brasileiro, foi imprescindível o trabalho com a imprensa a partir do acesso ao periódico *Sciencia*: “[...] a Imprensa é rica em dados e elementos, e para alguns períodos é a única fonte de reconstituição histórica, permitindo um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas, etc.” (Zicman, 1985, p. 90).

Em nossa pesquisa, o trabalho com o periódico possibilitou um melhor conhecimento sobre o método de Jacotot, cujos segui-

dores brasileiros travaram embates com Castilho na exposição de seu método na Corte brasileira, em 1855.

Construção e princípio do método Jacotot

Jean Joseph Jacotot (1770-1840) nasceu em Dijon, na França, sendo considerado um expressivo questionador dos resultados da Revolução Francesa e das instituições de sua época, ao denunciar a ineficiência de tais movimentos junto aos objetivos de liberdade e emancipação do homem, inclusive no campo intelectual. Esse contexto é caracterizado por Rancière (2015) como a conciliação entre a ordem e o progresso, inclusive nas instituições pedagógicas, nas quais triunfara o “velho”, a partir do silenciamento das febres igualitárias e das desordens revolucionárias e de vozes como a de Jacotot.

Exilado de seu país, com o cessar da Revolução de 1830, o mestre Jacotot regressou à França na tentativa de propagar seu método de ensino, buscando a “Emancipação Intelectual” dos envolvidos no campo educativo.

Ao realizar um estudo, Perella (2011) mostrou o quanto os princípios e as experiências de Jacotot foram propagados rapidamente na França, a partir da criação de uma Sociedade Pedagógica *Panécastique* (*Pan = todos; Ekastos = cada um*), e de dois jornais, *Journal de Philosophie Panécastique* e o *Journal de L'Émancipation Intellectuell*.

No Brasil, tivemos a abertura do Instituto Panecástico baseado nas ideias de Jacotot. Na revista *Sciencia* (1848, v. 2, n. 16), publicada no Brasil, há uma explicação de seu Ensino Universal e da história de sua produção, bem como o resumo dos princípios e da sua aplicação.

Esse método é explicado no periódico brasileiro a partir da experiência de Jacotot de ensinar aos seus alunos uma língua desconhecida por ele e de ser surpreendido positivamente com a superação destes, que, apesar de terem um mestre ignorante no

conhecimento daquela língua, obteve êxito com o trabalho do aluno emancipado intelectualmente. Assim, surpreendeu-se com a escrita em francês de seus alunos, uma vez que deixara que eles aprendessem por si.

Elle esperava um dilúvio de barbarismos, e até talvez uma absoluta impossibilidade de exprimirem-se. E com effeito, como podiam estes moços, privados de explicações, reduzidos a si mesmos, comprehender e resolver as difficuldades de uma lingua inteiramente nova para elles? Embora; era necessário conhecer até onde elles tinham chegado por este novo caminho que o acaso tinha trilhado, quaes os resultados deste empirismo desesperado. Qual não foi a admiração do Sr. Jacotot ao descobrir que estes alumnos, sem outro guia, sem outros recursos, que a sua reflexão individual, tinham desempenhado a sua árdua tarefa tão bem como o poderiam ter feito muitos francezes! As explicações então tornavam-se desnecessárias? Por ventura bastaria querer para poder? (*Scienza*, 1848, v. 2, n. 16, p. 1).

Dessa experiência, publicou princípios como “pode-se ensinar aquilo que desconhece” (em seu caso experimental, a língua flamenga) a partir do princípio de “aprender uma cousa e a ela referir todo o resto”.

Proclamou então o Sr. Jacotot esta máxima — *quem quer pôde* —, como meio de succeder em todo o trabalho intellectual, máxima esta posta em pratica por todos aqueües que querem neste mundo effectuar coisas grandes; máxima que, quando faz as vezes de uma mola escondida, fez crer em prodigios, e que, em todos os casos, inspira aos alumnos uma justa confiança em si, e os anima para perseverar, afim de colherem o fructo de seus trabalhos. Do successo

que sempre tinha coroado as suas tentativas, concluiu o Sr. Jacotot — *que Deos creou a alma humana capaz de instruir-se a si mesma, e sem o concurso de mestres e explicadores* ‘Enunciou ainda o Sr. Jacotot outros princípios: *Aprender ou saber alguma coisa, e a ella referir todo o resto. — Tudo se acha em qualquer coisa. — Todas as intelligencias são iguaes. — Póde-se ensinar aquillo que se ignora.* — Isto quer dizer simplesmente que quem quizer, seja quem fôr, pôde tendo confiança em si e vontade, verificar se uma outra pessoa sabe o que tem aprendido’ (*Scientia*, 1848, v. 2, n. 16, p. 2).

Em defesa da emancipação intelectual proposta pela Filosofia Panecástica do Ensino Universal, Jacotot criticou as discussões que se limitavam à forma de ensinar esvaídas do discurso e das condições materiais políticas e que não problematizavam o princípio de desigualdade da condição dos homens, levando-os a um “embrutecimento”.

O Velho não embrutece seus alunos ao fazê-los soletrar, mas ao dizer-lhes que não podem soletrar sozinhos; portanto, ele não os emanciparia, ao fazê-los ler palavras inteiras, porque teria todo o cuidado em dizer-lhe que sua jovem inteligência não pode dispensar as explicações que ele retira do seu velho cérebro. Não é, pois, o procedimento, a marcha, a maneira que emancipa ou embrutece, é no princípio (Rancière, 2015, p. 50).

Em um olhar de longa duração, podem-se contrastar discussões advindas das diferentes matrizes teóricas circuladas no Império Brasileiro, como a do princípio educativo encontrado no Ensino Universal, proposto por Jacotot, que parte de uma tomada de posição diferente do mestre, menos preocupado em transmitir conhecimentos e em buscar métodos de ensino, e mais com a

emancipação intelectual do seu aluno, a partir de uma condição de igualdade de inteligência.

Ele criticava as preocupações com os métodos que alteravam os “[...] meios escolhidos para tornar sábio o ignorante, métodos duros ou suaves, tradicionais ou modernos, passivos ou ativos, mas cujo rendimento se podia comparar sem, entretanto, partir da concepção de igualdade intelectual entre todos os homens [...]” (Rancière, 2015, p. 32). E esse rendimento mensurável passava pela concepção de uma criança passiva, civilizada e, em suas palavras, embrutecida.

A crítica silenciada de Jacotot dirigia-se aos métodos que circulavam e que atendiam à proposta da escola moderna, caracterizada em suas funções disciplinadora, modeladora, normatizadora e “reguladora da cultura letrada” (Boto, 2012, p. 50). Ele problematizou a preocupação corrente em sua época acerca da metodologia mais aprazível para a criança aprender, que buscava ser inovadora com questões como: A criança está compreendendo? Ela não compreende? Encontrarei maneiras novas de explicar-lhe, mais rigorosas em seu princípio, mais atrativas em suas formas” (Rancière, 2015, p. 24), mas que não questionavam o princípio da desigualdade entre os conhecimentos, conduzindo, assim, ao embrutecimento do homem e a um modelo social desigual na contramão de uma emancipação intelectual.

Em uma busca pelos periódicos nos campos da instrução e da ciência, deparamos com a circulação das ideias pedagógicas do mestre Jacotot no Brasil. Seu Ensino Universal encontrou adeptos em diferentes escolas brasileiras e nos campos da medicina e da homeopatia, com a criação da Associação Panecástica do Brasil.

A Sciencia: periódico no campo da Homeopatia

A Filosofia Panecástica encontrou seguidores no solo brasileiro que, em 1847, a partir da vinda do francês Dr. Mure (1809-58),

criaram a Associação Panecástica do Brasil para desenvolver os princípios do Ensino Universal de Jacotot.

Aos três dias do mez de Maio do anno de mil oitocentos e quarenta e sete, em uma sala da casa da rua de S. José, numero cincoenta e nove, tendo-se reunido, à convite do Sr. Dr. Mure, varias pessoas, o Dr. Mure propoz a fundação de uma sociedade para o desenvolvimento dos princípios de Jacotot sobre o ensino universal; aceita foi a proposta por unanimidade, e adoptou-se o seguinte: Em nome de Jacotot, inventor da philosophia panecastica, no dia 3 de Maio de 1847 (*Scientia*, 1847, v. 1, n. 3).

A proposta da Associação fundada sob a base do pensamento de Jacotot não se limitava ao campo da discussão no Ensino Superior. Abriu-se um fundo para a criação de escolas para aplicação do Ensino Universal de Jacotot.

Sob proposta do Sr. Dr. B. Mure, foi fundado o Instituto Panecastico do Brazil, cujos estatutos são os seguintes: O Instituto tem por fim propagar os princípios da emancipação intellectual do immortal Jacotot, e substituir á autoridade e ao pedantismo os direitos da razão humana. O Instituto procurará reunir um fundo para a criação d'um collegio normal que reunirá. Os presepios. As salas de asylo. Escolas primarias. O ensino superior 1847 (*Scientia*, 1847, v. 1, n. 3).

Os sócios reuniam-se em uma assembleia geral, convocada uma vez por ano, no dia do anniversário da morte de Jacotot, e a instituição promovia conferências semanais para esclarecimentos sobre a aplicação do ensino universal.

O periódico *Sciencia* (1847, v. 1, n. 5) tratou da insatisfação de no Brasil não existir nenhum presépio nem casa de *asyló* e do fato de as escolas primárias existentes não associarem o Ensino Universal ao método de ensino mútuo. Em uma de suas matérias no periódico, foi elogiada a introdução do método mútuo aliado ao ensino simultâneo.

Em relação ao Ensino Superior, foi destacada a experimentação do Ensino Universal na medicina homeopática no Brasil, uma vez que a doutrina do princípio da homeopatia, de Samuel Christian Friedrich Hahnemann, foi fundamentada na emancipação intelectual espontânea sob a base de Jacotot. Segundo Galhardo (1928), os alunos do terceiro ano ensinavam aos do segundo, e estes, aos do primeiro. Seria o princípio do ensino mútuo elogiado na matéria sendo efetivado no Ensino Superior.

A partir da teoria de Jacotot, homeopatia e pedagogia encontraram um momento de interlocução que adentrou o campo da medicina e da instrução no Brasil oitocentista. Esse alargamento de fontes no campo da história da educação, para além dos referentes ao campo instrucional, permitiu uma interlocução do campo pedagógico com os intelectuais que transitavam por diferentes áreas da nossa delimitada ciência moderna.

Sob a base do pensamento de Jacotot, médicos e professores no império brasileiro estavam repensando os métodos e modos de ensino na instrução elementar e superior.

Indícios do Ensino Universal de Jacotot na instrução da criança

A inovação do pensamento de Jacotot em solo brasileiro tratada na revista não se limitava ao campo da homeopatia. Essa filosofia essencialista, presente no periódico *A Sciencia*, encontrou na máxima da *panecastiqué* de Jacotot, “tudo está em tudo”, sua fundamentação teórica e a interlocução com o campo pedagógico.

A circulação desse método no campo da instrução elementar brasileira foi-nos apresentada a partir dos registros da carta de Castilho sobre os embates que recebera de Costa e Azevedo e seus seguidores ligados à instrução primária, que, sob a base de Jacotot, travaram duras críticas ao método português.

O seguidor de Jacotot no campo da instrução brasileira oitocentista que travou embate com Castilho, levando-o à suspensão de seu curso na Corte, era o sujeito autor coronel José da Costa Azevedo (1791-1860), o primeiro diretor e organizador da Escola Normal do Rio de Janeiro, em Niterói, “um patrício notabilíssimo olvidado pela ingratidão ou ignorância dos nossos contemporâneos” (Nogueira, 1938, p. 28).

Nas falas de Castilho, observa-se que o Brasil já possuía, desde 1834, um método de leitura, uma espécie de redução dos sistemas pedagógicos do francês Jacotot, feito pelo Brasileiro Costa Azevedo, motivo esse de intrigas e repulsa a um novo método.

Dois traquinhas literários com muita basófia, num discurso muito sobrecarregado de encômios a mim, como escritor e poeta, e muito revestidos de fórmulas hipócritas, procuraram suscitar (e com efeito suscitaram) uma cizânia de nacionalidade chocha, dizendo que também havia aqui, impresso, há vinte e um anos, um Método de leitura, coisa grande, feito por um grande homem, em quem a maior parte deles mesmos nunca ouvira falar, chamado José da Costa e Azevedo; que decerto não teria tirado dele o meu, mas que me havia com ele encontrado; que por aquele método se aprendia em seis meses, como se podia ver num colégio desta cidade, etc., etc., etc... (Castilho, 1977, p. 286).

A denúncia de Castilho, nas cartas a sua esposa, dos nacionalistas oponentes ao seu método foi confirmada com a denúncia do representante da província do Piauí no jornal circulado no

Rio de Janeiro (1855), no ato de sua ida à Corte para estudar o método Castilho. O Sr. José Martins Pereira de Alencastre deixou registrado em jornal local a sua defesa pelo método português e uma crítica ferrenha aos nacionalistas Costa Azevedo e Valdetaro, que, além de não possuírem um método eficaz, atrapalharam o curso e desprezaram um conhecimento tão necessário em terras brasileiras, que Castilho insistira em ensinar:

O Sr. José da Costa leu o que havia sobre o ensino, leu de improviso Jacotot, quiz em parte imita-lo, em parte seguir um caminho diferente, e nisso foi inconsequente, longo, arido e fastidioso, e completa antilhese do Sr. Castilho, e tão fastidioso, e longo que os alunos matriculados em 1834 na escola da sociedade, de que elle e o Sr. Valdetaro fazião parte, ainda em 1837 não estavão totalmente habilitados nas doutrinas de ler, escrever e contar, cousa bastante pasmosa para mim, que ouvi tanto eucarecer o *modo de ensinar* do Sr. José da Costa e Azevedo (*Correio Mercantil*, 1 de maio de 1855, n. 119, p. 2).

A vida de Costa e Azevedo, além da elaboração de suas Lições, embates com o português Castilho, atuação profissional junto à Associação de Instrução Elementar do Rio de Janeiro e à Escola Normal do Rio de Janeiro, em Niterói, entre inúmeros elementos, como aproximações com o método Jacotot e afastamento com o próprio método português, estão sendo analisados na tese de doutorado da autora deste capítulo.

Se em Castilho havia uma crítica sobre o método que ensinava a “ler por sílabas, somando-as como elementos a palavra; bestice inclassificável e imperdoável (Castilho, 1977, p. 285)”, observa-se que a preocupação de Jacotot direcionava-se a outros rumos, a uma epistemologia do conhecimento que problematizava o princípio de desigualdade da condição dos homens na aplicação de métodos que levam a um “embrutecimento”.

Considerações finais

O princípio essencialista que a homeopatia assumiu, ao tratar o paciente a partir da busca da reação do próprio corpo no combate à doença, em detrimento da aplicação de remédios que combateriam diretamente os sintomas, pode ser comparado ao princípio educativo apresentado no Método Universal de Jacotot, no qual se evitava a inculcação de fórmulas em detrimento de uma pedagogia experimentalista.

A aproximação entre ambas as áreas pode ser observada a partir da análise do periódico *A Sciencia*, meio em que foram apresentadas e defendidas as ideias de emancipação intelectual propostas por Jacotot, apropriadas para a consolidação da homeopatia em território brasileiro. Tratava-se da recusa de D. Mure aos remédios convencionais e aos mestres explicadores.

Esse é o mesmo princípio contido nas máximas de Jacotot, em que um mestre ignorante poderia ensinar o que desconhecia a partir da verdade da emancipação intelectual, e da máxima de que tudo está em tudo.

Nessa concepção, a cura no campo da medicina e o aprendizado no campo instrucional estariam em todas as partes, uma vez que “Deus criou a alma humana capaz de instruir-se a si mesma, sem o concurso de mestres explicadores” (*A Sciencia*, 1848, v. 2, n. 16, p. 194). Nessa concepção, estão contidas máximas, como enunciou ainda o mestre Jacotot outros princípios: “Aprender ou saber alguma coisa, e a ella referir todo o resto. — Tudo se acha em qualquer coisa. — Todas as intelligencias são iguaes. — Póde-se ensinar aquílo que se ignora” (*A Sciencia*, 1848, v. 2, n. 16, p. 193).

Dessa forma, para Jacotot, o que emancipa ou embrutece não é o procedimento, a marcha, o método, e sim o princípio. Em defesa do princípio de igualdade, em seu Ensino Universal, esta não toma o objetivo a atingir, mas o ponto de partida, a ser mantida em qualquer circunstância.

Referências

- A Sciencia*, v. 1, n. 3, set. 1847. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=730076>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- _____, v. 1, n. 5, nov. 1847. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=730076>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- _____, v. 2, n. 16, maio 1848. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=730076>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- BOTO, Carlota. *A escola primária como rito de passagem: ler, escrever, contar e se comportar*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- CASTILHO, Antonio Feliciano. *Correspondência pedagógica*. Seleção, introdução e notas de Fernando Castelo-Branco. Instituto Gulbenkian de Ciência, Centro de Investigação Pedagógica, Lisboa, 1975
- Correio Mercantil*, 1 de maio de 1855, n. 119, p. 2.
- GALHARDO, José Emygdio Rodrigues. “História da homeopatia no Brasil”. *Livro do 1.º Congresso Brasileiro de Homeopatia*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1928.
- NOGUEIRA, Lacerda. *A mais antiga Escola Normal do Brasil: esboço de história administrativa e episódios*. Oficinas Gráficas do Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro – Nictheroy, 1938.
- PERELLA, Cileda dos Santos Sant’Anna. “Joseph Jacotot: contribuição para a reflexão acerca do conselho de escola” (comunicação oral). ANPAE, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Trad. Lílian do Valle. 3 ed. 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

ZICMAN, Renée Barata. “História através da imprensa – algumas considerações metodológicas”. *História e historiografia: contribuições e debates*. PUC São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Departamento de História. São Paulo: EDUC, 1985.